



CARLOS FERREIRA

Carlos Augusto Ferreira nasceu na cidade de Porto Alegre, aos 24 de outubro de 1844 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro aos 13 de Fevereiro de 1913.

Foi um dos poetas mais notáveis do sul do país, tendo iniciado muito cedo a sua carreira literária. Em 1867 publicou um livro de versos intitulado "Cânticos Juvenis". Nesta época era aprendiz de ourivez. Quando da passagem do Imperador D. Pedro II por Porto Alegre, recitou uma poesia de saudação ao Monarca, conseguindo grangear a admiração do Imperador, de quem obteve matrícula na Faculdade de Direito de São Paulo. Não desejando prosseguir os estudos, iniciou sua carreira jornalística dirigindo o "Correio Paulistano", sendo em 1871, redator do "Correio do Brasil", na cidade do Rio de Janeiro. De volta a São Paulo, passou a residir em Campinas, onde tomou a direção do jornal "A Gazeta de Campinas". Logo mais foi nomeado redator-vitalício do "Correio Paulistano". Mais tarde, abandonou o jornalismo, por questões políticas, ocasião em que fundou um colégio em Amparo, cidade em que passou a residir.

O fim de sua vida foi angustiante, pois logo após ter sido atacado por uma polinevrite, que lhe perturbou os movimentos, perdeu sua filha dileta. Foi poeta, jornalista, dramaturgo, comediógrafo, romancista e professor, sendo também membro correspondente do "Patrono Literário", de Porto Alegre. É patrono de uma cadeira da Academia Sul-Riograndense de Letras.

MEMORIA

(A MEMORIA DO GRANDE TRIBUNO E GRANDE AMIGO, Dr. CESAR BIERRENBACH)

Não! O que mais espanta e mais a mente assombra,
E mais nos punge e fere, e a alma nos crucia,
E nos envolve, oh! Deus, o coração na sombra
É: infinita agonia)

O que mais apavora, e pranto arranca aos olhos,
Da suprema tragedia ao doloroso brado,
Não é ver naufragar da vida entre os abrolhos
O grande desgraçado!

Não! não é ver, Senhor, a aguia do talento
Tombar no horror da morte em louco paroxismo
Tudo esquecendo, enfim, nesse fatal momento
De se arrojor no abismo,

A mocidade, a Patria, a gloria, louros tudo,
A familia adorada, o doce e abençoado
Socego do seu lar, a paz, a fama, o estudo
E um nome conquistado...

Não! O que há ahí de mais cruel, pungeante,
De mais horrivel, sim, é quando ao vulto santo
Da martir do infortunio, a triste mãe doente
Disseram entre pranto

"Senhora, o filho teu, esse ente bom e amado
Que tanta vez beijaste, esse idolo que era teu,
Nas garras acabou de negro e horrendo fado,
Senhora... ele morreu..."

Imaginaí, então que imenso grito exprime
O enorme desespero, o anseio fundo, eterno,
E a epopéa da dor e o soluçar sublime
Do santo amor maternor!

Bendito seja, oh! mãe, o pranto que cerra nas
Sobre o querido morto, a quem um dia a história
Há de o nome gravar entre as divinas chamas
De imorredoura gloria!...

Campinas, 4 de Julho de 1907
CARLOS FERREIRA

Carlos



LITERATURA BRASILEIRA

O poeta e a "Penserosa"

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

Os autores que andam por aí à procura de personagens para o cinema nacional acabarão por descobrir, um dia, na poesia romantica brasileira, muitos personagens que estão apenas à espera de um autor, para que se tornem finalmente pessoas conhecidas e amadas pelas grandes multidões. Figuras como Castro Alves (que já apareceu uma vez num "film" sem categoria), Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo e Fagundes Varela constituem, pela aura que as cerca e pela vida dramática que tiveram, um tesouro de temas de puro quilate. Mas, mesmo entre as figuras de segundo plano, há personagens cuja vida, embora menos brilhante, não foi menos trágica. E, entre esses personagens, está certamente a poetisa "Penserosa". Quem foi ela?

Sobre a "Penserosa" há, no livro "Redivivas", de Carlos Ferreira, editado em Campinas em 1981, uma poesia datada em 1880. Essa poesia, que se compõe de quinze trovas redondilhas, assim começa:

*Andava sempre cismando
Aquela pobre criança...
Do seu olhar a esperança
Ia aos poucos se ausentando.*

*Chamavam-na Penserosa
Por sempre andar pensativa...
Tinha assim ares de rosa
Com uns toques de sensitiva.*

Quando, em 1880, Carlos Ferreira escreveu os versos acima, a "pobre criança" a que se referiam já era morta. Dois anos antes, isto é, em 24 de setembro de 1878, falecera de tuberculose, em Porto Alegre, a poetisa Amália dos Passos Figueiroa. Tinha trinta e três anos e pertencera ao famoso grupo do Partenon Literário, onde defendera, com a professora Luciana de Abreu, teses "feministas". A poesia "Penserosa" celebra a morte de Amália:

*Morrera a fragil menina
De uma enorme hemoptise!...*

Celebra também a vida — ou aspectos da vida da autora de "Crepusculos". E menciona:

*Amava? Talvez. Um dia
Teve uma estranha loucura:
Abriu a sua alma pura
A's seduções da poesia!...*

Carlos Ferreira parece não ter visto com simpatia o fato de a moça ter atendido às "seduções da poesia". E, talvez por isso, não poupa acusações à poetisa morta:

*Passava os dias do outono
Entre uns sinistros fulgores
Deixando em fundo abandono
Seu lar, sua mãe, suas flores...*

*.....
Ela saudosa cismava
Junto à janela, sozinha,
Enquanto a mãe na cozinha
A parca ceia aviava.*

Por que motivo se sentiria o poeta Carlos Ferreira no direito de se referir de modo tão cruel a uma jovem morta, que fora sua companheira nas colunas das publicações do "Partenon" gaúcho? Em artigo publicado neste suplemento, há cerca de três anos, escrevi, sobre Amália Fi-

gueiroa que, "além da molestia, torturou-a o rompimento do noivado, muitos anos antes de sua morte". Referindo-se ao noivo de Amália, diz o sr. Guilherme Cesar (in "Historia da Literatura do Rio Grande do Sul", pag. 239) que ele "a abandonou pelos estudos e pela vida literaria de S. Paulo". Ora, o noivo de Amália dos Passos Figueiroa foi exatamente o poeta Carlos Augusto Ferreira (como aliás informa, no livro citado, Guilherme Cesar). A morte da moça deve ter doído na alma de Ferreira, e o seu poema sobre a "Penserosa" é, ao mesmo tempo, uma nenia e uma cantiga de

ca imagem poetica que se salva em poesia tão rica de qualidades negativas:

*Mas em vão!... Misera moça...
Quebrara a infame anemia
Seu corpo — essa fantasia
De uma finissima louça...*

A "Penserosa" nasceu na Capital da Provincia de S. Pedro em 1845, talvez um ano depois de Carlos Augusto. A futura autora de "Crepusculos" e o menino que escreveria "Alciones" foram, talvez, amigos de infancia. Aos cinco anos, Amália ficou orfã de pai. Filha de uma

Carlos Ferreira

REDIVIVAS

POESIAS

CAMPINAS

TYP. DA "GAZETA DE CAMPINAS"

1881

mal-dizer... Mas isto não resulta de nenhuma intenção de ferir: o poeta, tocado pelo agulhão daquilo que hoje se chama complexo de culpa, procura defender-se e justificar-se. A's vezes essa justificação não se equiva à brutalidade das acusações mais inesperadas:

*Dentro em sua alma, (a per-
[versa!]
Tinha ela, naquela idade!
Um verme — a lubricidade
Que a punha em trevas sub-
[mersa!]*

Mas logo o ex-noivo se compunge e pinta numa trova a uni-

viuva pobre, cresceu com sua irmã Revocata (poetisa também) num ambiente de desamparo e miseria.

Carlos Augusto Ferreira publicou em 1867, em Porto Alegre, o seu primeiro livro de versos, "Canticos Juvenis". Até pouco antes, vegetava o jovem poeta numa officina, como ajudante de ourives. Mas o Imperador, de passagem por Porto Alegre, gostara de uma poesia civica (sobre a Guerra do Paraguai) recitada pelo jovem Carlos e oferecera-lhe uma bolsa de estudos, para que ele pudesse frequentar a Faculdade de Direito de S. Paulo. Esse triun-

fo significaria, para Amália dos Passos Figueiroa, a perda de tudo. Em 1868 Carlos Ferreira já se encontrava em S. Paulo, e aqui publicou seu segundo livro, "Rosas Loucas". Mas jamais chegou a matricular-se na Faculdade: seduzido pelo jornalismo, abraçou essa profissão, e nela se manteve até o fim de seus dias.

Pouco tempo ficou Carlos Ferreira na Paulicéia onde, segundo Guilherme Cesar, se tornou amigo intimo de Castro Alves. Em 1870 já se encontrava no Rio, onde publicou o livro "Alciones". Ora, as poucas informações biograficas existentes, sobre Amália Figueiroa, dizem que ela residiu na Capital do Imperio algum tempo, onde colaborou no semanario "A Luz" e em outros jornais e revistas. Seu livro "Crepusculos" foi, todavia, publicado em Porto Alegre em 1872. Ao que tudo indica, no ano seguinte Carlos Ferreira já se encontrava novamente em S. Paulo: no Teatro Provisorio desta cidade foi encenada, em principios de 1873, a peça "A Calunia", escrita por Ferreira em colaboração com Felizardo Junior (Vide o artigo de A. F. de Carvalho Junior sobre "O Marido da Dou-da" in "Parisina", pag. 162). De São Paulo seguiu o poeta de "Rosas Loucas" para Campinas, isto certamente depois de ter publicado em 1874, na Capital paulista, o seu livro de contos, "Historias Cambiantes".

De tudo isto se pode chegar à conclusão de que, entre 1870 e 1871, Amália Figueiroa deixou Porto Alegre, a caminho do Rio, esperançosa talvez de reatar o noivado. Logo depois voltava, no entanto, desiludida a Porto Alegre. O seu livro — "Crepusculos" — contém passagens comovidas que podem ser interpretadas em abono de tal hipótese. A sua balada "Desesperança" assim termina:

*Foi então que amargo pranto
Deslizou no rosto meu
E velou-me como um manto
O olhar fito no céu!*

*E' depois em doce-canto
Que a desgraça entristeceu,
Ouvi, transida de espanto:
"Tua esperança morreu!"*

Como a morte de Amália só ocorreu cinco anos após o aparecimento de seu livro, é justo admitir que não tenha sido a física a causa do rompimento do noivado. As lamurias dos românticos devem ser, por outro lado, julgadas nas devidas proporções, e a propria doença da poetisa pode ter-se manifestado em data muito posterior ao aparecimento do livro. Bem provavel é, porém, que a atividade literaria de Amália tenha desagrado a Carlos Ferreira: na sua poesia — a citada "Penserosa" — não há uma só referencia amavel aos versos da moça. E, após a morte de Amália, o que fica, segundo o poeta, "por lembrança"? Os seus versos? Os seus "Crepusculos"? Nada disso. Apenas:

*O predileto romance
Da desgraçada criança*

Isto é, a historia do amor sem ventura de Amália dos Passos Figueiroa pelo poeta Carlos Augusto Ferreira.



RUA CARLOS FERREIRA

O brilhante poeta e jornalista Carlos Augusto Ferreira, que militou na imprensa campineira no século passado, não era campineiro, nascera na capital do Estado do Rio Grande do Sul, aos 26 de outubro de 1848.

O autor do livro de poesias "Rosas Loucas", fez seus primeiros estudos em sua terra natal, que deixou em 1868, para cursar a Faculdade de Direito de São Paulo, às expensas do Imperador D. Pedro II.

No ano de 1871, Carlos Augusto Ferreira interrompeu seus estudos, para ingressar no tradicional "Correio Paulistano", onde foi um dos seus principais redatores.

Transferindo-se para a cidade de Campinas, em 1876, adquiriu a "Gazeta de Campinas", de Francisco Quirino dos Santos, passando-a a ser diária.

Sendo professor, lecionou durante alguns anos em nossa terra, tendo fundado nessa ocasião o "Instituto Carlos Ferreira".

Deixou inúmeras obras publicadas, dentre elas temos em nosso arquivo as seguintes: "Rosas Loucas" (poemas), "A Primeira Culpa" (romante), "Plumas ao Vento" (poemas), "Feituras e Feições" (crônicas), e alguns exemplares da "Gazeta de Campinas" do seu tempo.

O veterano jornalista Tasso Magalhães possui um exemplar raríssimo de autoria do biografado de nossa crônica de hoje. E o livro intitulado "Rimas e Prosa", que não temos, porém, sabemos que era um dos da enorme coleção de Carlos Augusto Ferreira.

O soneto que publicamos abaixo, é do livro "Plumas ao Vento".

IDILIO

Vamos, amor, por esses campos afora
Asas abrindo a doce luz da vida,
Ouvir a terna, a meiga, a apetecida
Canção que a terra entoia à deusa Aurora

Vamos que é tempo. A natureza informa
Montes, vales, vergéis, e embevecida
Treme de amor a rosa. Ouve, querida,
A ave que canta, a viração que chora?

Vês? Que alegre manhã! Todo o arvoredo
Tão fresco e bom! O alegre passaredo
Enche a selva de mágico rumor.

Pois cantemos também, vamos risonhos
Haurir a vida em turbilhões de sonhos
Asas abrindo ao quente sol de amor...

Gostaram? Pois são assim todas as poesias de Carlos Augusto Ferreira. Esse grande poeta que é patrono de uma das cadeiras da Academia Sul-Riograndense, faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de fevereiro de 1.913, e não em 1.930, como contam alguns historiadores. (Em reverência à sua memória, a Câmara Municipal de Campinas deu a uma via pública de nossa cidade o nome de Carlos Augusto Ferreira.